

Aprender mais e melhor

Afixado por claracaldeira - 22/05/06 12:05

Como fazer os alunos aprender mais e melhor?

Mudanças curriculares

Afixado por Maria Filomena Camões - 20/06/06 15:06

Na esperança de que o que digo possa ser um contributo, porventura pequeno, mas que pretendo seja útil, para ver o que está mal e torná-lo em melhor, passo a dar a minha opinião que não   propriamente a de uma leiga ou de uma profissional inexperiente.

Com  estes dois que a terra há-de comer  ouvi de um membro, ao mais alto nível, da então equipa do Ministério da Educa o mentora e ac rrima defensora desta Reforma do Ensino que entrou em vigor há 3 anos, o lamentável argumento:   Sim   Reforma.  o preciso mudar os programas. Isto está mal; qualquer coisa que venha a seguir   melhor que isto . Lamentável não que o tenha ouvido, mas que alguém o tenha proferido. Sobretudo vindo de pessoa detentora de forma o superior, com desenvolvimento intelectual acima da m dia e empossada de elevadas responsabilidades. Esperar-se-ia que soubesse ver a irracionalidade do silogismo e estranha-se que não tenha admitido, que o caminho deveria ou poderia ser  sto está mal, há qualquer coisa que precisa de ser mudada; o quê? Tem que haver cuidado para que não se mude para pior ainda . Mudou-se o mais fácil de mudar, certamente a componente que não era a pior, e foi de facto para pior. Talvez isto seja afinal também um reflexo do que está de facto mal na Educa o e que conviria mudar, nas pessoas e nas atitudes. Com o mesmo programa, diferentes professores, com alunos diferentes, em diferentes circunstâncias fazem e sempre fizeram coisas diferentes e atingiram metas diferentes. Aliás nem houve nem há filosofia de reforma; foi mudar por mudar, sem coerência. Se mais não houvesse, bastaria olhar para os programas de Física e de Qu mica do 12 o ano; as filosofias são completamente diferentes; não sei qual delas traduzir , se   que alguma traduz, a pretensa filosofia de reforma.

Além dos textos dos programas propriamente ditos (sobre os quais escrevi e enviei comentários para o ME), há as apresenta es públicas a que tenho assistido feitas por membros da Equipa de Programas e os ecos que me chegam das ac es de forma o que os mesmos têm conduzido. Conhecidas as minhas posi es, numa das primeiras pediram-me   que não dissesse mal para não desmoralizar os professores que já estão bastante desmoralizados . Outro silogismo distorcido. Se calhar os professores estão cheios de razão em estar desmoralizados e camuflar e prolongar a situa o   aumentar os estragos. Não lhes dar ouvidos,   pior que desprezar,   lutar contra a opinião de quem deveria ser considerado como interlocutor válido do processo e não como inimigo. Pretender convencê-los que aquele programa de Qu mica   a almejada resposta para o sucesso   disciplina   engan -los a eles e   Sociedade. Como   que os professores se hão-de sentir quando, entre outras coisas, além do programa, há quatro livros de Qu mica no mercado, com conteúdos, abordagens e aprofundamentos completamente diferentes. Aliás um deles  , como   estranhamente vulgar no sistema nacional, de alguns dos membros da Equipa de Programas, o que, só por si acho mal. Supostamente será esse o que melhor traduz os conteúdos, as abordagens e os níveis de desenvolvimento que a Reforma comporta consigo. Acresce   minha perplexidade o facto de que esse livro, seja só de alguns dos autores; e os outros não se queixariam da falta de direitos de autor? S  percebo que os outros o permitam se não tiverem contribuído para a componente do conteúdo do Programa que está no livro comercializado. E a - já dá para perceber por que   que nunca vi um dado autor do Programa, ao fazer apresenta es públicas em sua defesa, das quais quase só me lembro da ideia dominante de que   preciso mudar o velho pelo novo  transmitir conceitos ou ideias de Qu mica, excepto numa única situa o em que demagogicamente denegria a própria Qu mica com uma pergunta   Quantas vezes   que a uma pessoa lhe   colocada a seguinte questão Acerte a seguinte equa o ?   seguida da resposta   Uma única vez, quando   feita pelo Professor de Ciências Físico-Qu micas . Tudo tem um explica o; deve ser por isto que os meus colegas se queixam que os meninos quando chegam   Universidade não sabem acertar equa es, particularmente as redox, o que dificulta a par e passo, designadamente, a progressão nos estudos de Bioquímica.

Associa es de ideias fazem-me lembrar uma antiga estagiária, candidata a professora, a quem o Estágio não estava a correr nada bem, digamos que estava mesmo muito mal, tendo acabado por reprovar. Uma vez colocou-me a pergunta que eu própria estava farta de me colocar a mim própria   Qual   que a Professora acha que   a falha que está na base das minhas dificuldades,   de natureza científica ou pedagógica? . Respondi que não era fácil dar uma resposta definitiva, mas de natureza científica era de certeza e isso teria levado a que os alunos a desrespeitassem. Um dos argumentos que frequentemente vem   tona nas discussões   o de que a culpa está nas Ciências de Educa o (o Eduq as). Se bem que pode ser complexo articular a forma o dos profissionais de ensino, entre a componente da ciência-base que são supostos vir a ensinar e as Ciências de Educa o propriamente ditas e da -possam resultar riscos,   inegável que as Ciências da Educa o, autonomizadas há mais de tr s décadas na estrutura da forma o dos professores são essenciais para a forma o equilibrada de docentes. Mas como   verdade   que isto está mau , ou que nunca terá estado tão mau,   portanto verdade que as Ciências de Educa o não são a causa também não foram ou estão a ser a soluço do problema.

A resolu o do problema passa por criar verdadeiros hábitos de trabalho (voluntariamente   for sa, como dizia o querido Raul Solnado na famosa r bula do Bombeiro Voluntário) integrados numa estrutura escolar, familiar e social

que o proporcione e fomente, consentânea com as capacidades de progresso na aprendizagem e as fases de desenvolvimento intelectual das crianças, inerentes a cada idade, que especialistas como os Psicólogos, devem saber quais são. Penso no exemplo que vi de uma família de imigrantes de leste, cujos dois filhos, na altura de 9 e de 11 anos vieram viver com os Pais para Portugal; quando começaram a frequentar a escola portuguesa comentavam precisamente que aqui se trabalhava muito pouco. Não será difícil imaginar que estes miúdos, que não falavam português, depressa se tornaram os melhores alunos das respectivas classes e passados poucos anos, os melhores das respectivas escolas. Penso também no que está na moda actualmente na Alemanha (com situação não muito mais famosa que a nossa): o método japonês Kumon (Toru Kumon, professor de Matemática, criou, em 1958, material didático auto-instrutivo que serve de base a estudo individualizado) para o ensino da Matemática (Missão Kumon: Descobrir o potencial de cada indivíduo, desenvolvendo-lhes as habilidades ao máximo limite, formando assim pessoas responsáveis e mentalmente sãs que contribuam para a comunidade mundial). O método Kumon consiste num trabalho intensivo e sistemático, em que os miúdos, convenientemente enquadrados, têm que resolver autênticas "cerceiras" (na verdadeira acepção da palavra) de folhas de exercícios num determinado tempo limite. Parte em sala de aula (uma a duas horas por semana), parte (uma grande parte) em casa (todos os dias, muitas folhas). Para quem se lembra, assim como o método Palma Fernandes, são que com metas de número de exercícios e de tempo recorde para a sua resolução. A progressão na Matemática contribui por certo quase que automaticamente para tornar os miúdos mais exigentes consigo próprios também nas outras disciplinas. Sempre disse aos meus alunos que saber fazer, não é saber dizer como se faz, é fazer e chegar à resposta certa num determinado espaço de tempo. E agora o tempo urge. Termino com a mesma preocupação que ouvi exprimir ao Presidente Jorge Sampaio quando visitou uma escola de miúdos finlandeses de oito anos: "Estes miúdos já vão ser sempre homens de desenvolvimento muito superior aos nossos actuais miúdos de oito anos. Cabe-nos, como hoje outro presidente da República Portuguesa, o actual, Professor Aníbal Cavaco Silva, dizia, esforçarmo-nos por ultrapassar este desafio do qual depende a nossa sobrevivência. Não somos geneticamente inferiores, logo temos que ser capazes, individualmente e como nação".

10 de Junho de 2006

Maria Filomena Camões (Prof. Univ. Quémica)

=====